

AMARO, NORICO E LÉCO
(Francisco Brasil/André Teixeira)

*"La pucha! Que já está velho
este 'libuno' do Amaro
e ainda carrega o Norico!
'Libuno do Amaro', eu digo
pelo costume no mas:
foi dele há tempos atrás...
Comprou do Léco, acredito!"*

(Isto contava um gaúcho,
puxando assoprões do peito,
fazendo o fogo empeçar)
E se a gente for prosear
doutas histórias assim,
la fresca! Que não tem fim...
Porque é bem fácil lembrar!

Nem falo da matungama
que cambiando, que vendendo,
passou duma pra outra mão:
o tostado Violão;
a zaina velha Mulita;
e uma lobuna bonita
que chamavam Cerração.

Entonces vá um palita...
uma maneia ou rebenque...
venha um lenço, um maneador...
O Norico era senhor
de pechar os companheiros
nessas trocas de campeiro
adonde o gosto é o valor.

E o que se empresta, que roda
pelas estâncias, por anos,
sem que se cobre ou se peça?
Esta tesoura (pois esta!)
que traz na esquila o Amaro,
esta é do Léco (mas claro!)
que num quarteio ele empresta.

Quando se quadra uma changa
dessa que agarra o Norico,
podendo acomoda um outro:
co'o Léco levou uns potros
pra uma estância no Aceguá;
co'o Amaro foi alambrar
numas timbas do Espantoso.

Fortunas de gente pobre...
que até a sorte, de escassa,
toca pra cada, um tantito.
Nem um causo tem solitos!
Porque falando do Amaro,
não lembrar do Léco é raro
e até enxergo o Norico!

SEU FULANO

(Osmar Proença/André Teixeira)

Seu Fulano, capataz
Do Descanso até o Pavão
Da internada do Alto Grande
Ao rodeio do Albardão
Da bota de meio-pé
Prima-irmã do pé no chão
Que saía cutucando
Assoprando um redomão

Gauchão daquela escola
Da bombacha de dois panos
Ensinava o que aprendeu
Na cartilha dos vaqueanos
Quarteador na redondeza
Pra os amigos: o Paisano
Na estampa "acriollada"
Do ancestral castelhano

Seu Fulano, rumbeador
No ofício de cuidar gado
Do costilhar da coxilha
Ao coração do banhado
Pra Invernia o bichará
No verão arremangado
Encargos de coronel
Na humildade de soldado
Que fez do galpão da estância
Um fortin pra seus aliados

Ninguém se faz capataz
Sem a demão da peonada
Sem perfil de homem campeiro
Quem só é na pataquada
Sem a proteção Divina
Do oratório da morada
E a confiança do patrão
Que a estância vai bem cuidada

Ademais, tiro o chapéu
Pra esses mestres dos arreios
Que tocam essas estâncias
Seus rebanhos e rodeios
Que soltam coplas ao vento
Da orquestra de espora e freio
E pagam suas promessas
Pra o "Guri" do Pastoreio.

ROMANCE

(Francisco Brasil/André Teixeira)

Um certo dia, o Naduca
ficou cortado de fumo
e seco pra uma pitada!
Enforquilhou na tostada,
garrou pra estância lindeira
- A estância da Pitangueira -
pedir um fumo à peonada.

Foi deste jeito, esta feita,
que conheceu a Norata
nos pátios da Pitangueira.
Gauchita cozinheira,
arrastando a chinelinha,
dando milho pras galinhas
nos vai e vens de caseira.

*Para charlar co'a paysana,
para prosear de pertito,
já não perdeu mais desculpa:
se ia pedir reculuta...
ou se levava um recado...
falar de algum alambrado...
um "gol d'água" em tardes brutas...*

E a sorte grande, o Naduca,
tirou na volta em que vinha
lá do Rincão do Apertado.
Que o passo nem mesmo a nado!
E apeou na Pitangueira,
pra prosear com a cozinheira
qualquer assunto fiado.

Um mate, mais outro mate,
numa feita e noutra feita,
se vai longe romanceando...
E as vezes tudo ajudando!
Como em certas tardezinhas
que vai-se a estância vizinha
ajudar, se estão domando.

*E agora que tem carreira
e a gauchada vai junto
até a Cancha dos Portela,
o Naduca acha que ela
vai também, num mansarrão.
E a la fresca! Que ocasião...
pra andar bem pertinho dela!*

ORICO MACIEL DA ROSA
(Rogério Villagran/André Teixeira)

“Inda” era noite na estância
E a roda de chimarrão
Movimentava a peonada
Junto do fogo de chão.

Na madrugada sem lua,
De cerração, encardida,
Veio a hora da pegada
Pra mais um dia de lida.

Don Orico ali na forma
Já foi metendo o buçal
Num baio pata brazina
Que tinha fama de mau.

Encilhou sem cerimônia,
“Muntô” sem “procurá” a volta,
“Levô” o corpo pra “saf”,
Troteando de rédea solta.

Foi então que o caborteiro
Mudou o tranco de figura
E corcoveando “brandeado”
Se embrenhou na noite escura.

Sumiram naquele breu
Sem ter amadrinhador.
Nem mesmo a cachorrada
Saiu fazendo um fiador.

Não se escutava um barulho,
Nenhum berro, nenhum grito.
Ninguém saiu procurando,
Ficou o Orico “solito”.

Custando as barras do dia
E a cerração sem dar trégua.
O baio foi corcoveando,
Da estância, longe uma légua.

O índio era muy campero,
De pouco não se assutava
E cuidava quando o maua
De costela se “guasqueava”.

Nessa hora ele trazia
A perna rente do chão
E ia deixando um rastro
Pra indiada do galpão.

Por caminhos e canhadas,
Pelas sangas e valetas,
Foram ficando rascunhos
Rabiscados com as rosetas.

E volta e meia um lembrete
Nalguma terra arenosa:
Aqui passou gineteando
Orico Maciel da Rosa.

MUNDO DE GENTE
(Rafael Miranda Machado/André Teixeira)

Guri, criado entre os velhos,
mais ouvia que falava.
Fofoca, apuros, conselhos...
O que fosse'eu escutava!

De tanto'ouvir - sem falar -
me'empanturrei de palavras.
Cresci, peguei a cantar...
-Achei o que procurava!

Conheci'um mundo de gente
lá fora, onde nasci.
Gente que nunca mais vi
ou que'enxergo raramente.

Professores, retirantes,
artistas, peões, borrachos...
Quem cruzasse pela frente
do'arranchamento, lá embaixo.

Licenciadores, agentes
de saúde e *policía*.
Gente pobre como a gente
senão todos, maioria.

Pelos trejeitos – no mais –
Pela estampa, de repente.
Alguns me marcaram mais
Que outros, naturalmente.

Centauros: Adão e Ivo.
- Nunca os vi andando a pé!
- Um deles já não é vivo.
- Não posso lembrar qual é!

Meus compadres, a afilhada
Adriana, o tio Cirino.
- Quanto dessa gente toda
Escreve os versos que assino?

Tenho baixa imunidade
prumas coisas, sempre tive!
Esses dias – inclusive –
quase morri de saudade.

Observo aquelas vidas...
Muito brio, pouco brilho!
Existências resumidas
a trabalho e mais trabalho.

Volto os olhos em seguida
pro meu caso, minha pele.
- Chomisco! Que parecida
a minha vida *co'a* deles!

Sonhos a meio, meio carinho...
Dor, exaustão e desespero.
Cansaço'enorme, de corpo inteiro...
Verso parado no comecinho.

Ninguém morre de'achar falta.
- Perdoem o meu excesso!
Que'eu vivo de'escrever *verso*
e o impossível me importa!

Que'eu vivo de cantar *verso*
e o impossível me importa!